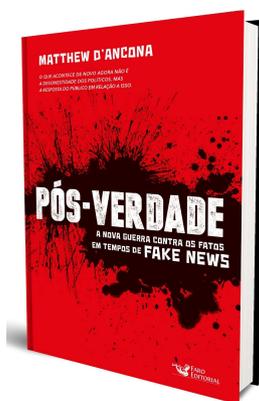


RESENHA

[D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Tradução: Carlos Szlak. 1 ed.. Barueri: Faro Editorial, 2018]

Thais Firmino
Thaiane Firmino



Publicado no Brasil em 2018 pela Faro Editorial, o livro *Pós-verdade: a Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News* reflete a crescente tendência por pesquisas voltadas à compreensão de fenômenos potencializados com o advento da *Web 2.0*. O autor, Matthew D'Ancona, é jornalista e nasceu em 1968, no sul de Londres. Sua trajetória no jornalismo foi iniciada em 1991 e ascendeu através da atuação em veículos como *The Guardian*, *London Evening Standard*, *GQ*, *The New York Times*, *Index on Censorship*, *The Times*, *The Sunday Telegraph*, *The Spectator* e *Prospect*. Além da inclinação para escrever sobre política, D'Ancona já publicou romances e livros de teologia cristã em coautoria com pesquisadores da área.

Com 142 páginas, o livro possui cinco capítulos, distribuídos da seguinte forma: 1. “Quem se importa?”: a chegada da era da pós-verdade; 2. “Você não é capaz de lidar com a verdade”: as origens da era da pós verdade; 3. Conspiração e negação: os amigos da pós-verdade; 4. O colapso da pedra filosofal: pós-modernismo, ironia e a era da pós-

verdade; 5. “O fedor das mentiras”: estratégias para derrotar a pós-verdade. Antes de aprofundar a temática, ainda no prefácio, D'Ancona apresenta sua produção como sendo de natureza epistemológica e direciona a necessidade de compreender a mesma como uma investigação sobre “o valor declinante da verdade como moeda de reserva da sociedade e a difusão contagiosa do relativismo pernicioso disfarçado de ceticismo legítimo” (p.14). O jornalista caracteriza sua obra como um tratado pessoal e não um manual desapaixonado. Ele acredita que o ser humano foi constituído para requerer a veracidade e resistir à falsidade. “Há uma voz interior em nós que resiste às mentiras, ainda que essa voz tenha sido atenuada” (p.17), escreve.

No primeiro capítulo o autor afirma que existe uma tendência global cujo cerne é o desmoronamento do valor da verdade. Segundo ele, “os especialistas são difamados como um cartel mal-intencionado, em vez de [serem considerados] uma fonte de informações verificáveis” (p. 20). Tal aspecto também é evidenciado no manifesto “*Online Chaos Demands Radical Action by Journalism to Earn Trust*” (Caos on-line exige ação radical para que o jornalismo tenha credibilidade), no qual Sally Lehrman¹ e Richard Gingras² afirmam que no contexto atual as vozes do jornalismo de qualidade não têm o respeito nem a credibilidade que esperam e realmente merecem.

De acordo com D'Ancona, “os sites conspiratórios e a mídia social tratam com desdém os jornais impressos ou a grande mídia (*mainstream media* - MSM), considerando-os a voz desacreditada de uma ordem globalista e de uma elite liberal, cujo tempo já passou” (p. 20). Para exemplificar seu posicionamento, no decorrer da leitura o autor faz diversas referências à eleição do presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, e à campanha de saída do Reino Unido da União Europeia. Segundo ele, a ausência de realidade estável e verificável ficaram evidenciadas em ambos os eventos.

O autor enfatiza que o populismo na era da pós-verdade busca simplificar, comprimir ou mesmo excluir fatos e inconveniências. Para ele, os mencionados episódios “iluminaram a paisagem em transformação, cujo surgimento a classe política e midiática falharam em registrar [...], um novo e alarmante colapso do poder da

¹ Acadêmica Sênior em Ética Jornalística no *Markkula Center*.

² Diretor Sênior de Notícias e Produtos Sociais da *Google*.

verdade como motor de conduta eleitoral” (p. 22). D'Ancona considera o tempo presente como uma nova fase de combate político e intelectual, destaca que “Trump é mais sintoma do que causa” (p. 26) e enfatiza que atribuir a ascendência da pós-verdade à escalada de tal presidente é tentador e equivocado.

No capítulo 2, Matthew D'Ancona apresenta o colapso da confiança como base social para a era da pós-verdade, já que, segundo ele, “todas as sociedades bem-sucedidas dependem de um grau relativamente alto de honestidade para preservar a ordem, defender a lei, punir os poderosos e gerar prosperidade” (p. 42). De forma primorosa o autor evidencia a confiança como fundamental para a sobrevivência humana e contextualiza o que chamou de “uma série implacável de perturbações” que conspirou para esgotar as reservas restantes de confiança. D'Ancona afirma que, a partir da crise financeira de 2008, que levou a economia mundial à beira do desastre, “a hostilidade à economia globalizada mudou das margens para o centro do discurso político” (p. 43). O autor destaca que a decadência da confiança não se limitou à crise financeira, mas também foi evidenciada com a humilhação da classe política na Grã-Bretanha, em 2009.

Na esfera midiática, D'Ancona afirma que escândalos arrastaram o nome de grandes meios de comunicação para a lama e resume: “quando os supostos fiadores da honestidade vacilam, o mesmo acontece com a verdade” (p. 45). Ele caracteriza esta era como a da “fragilidade institucional” e destaca que a função do jornalismo está em revelar o paradoxo da vida pública, desmascarar a transgressão e fortalecer a democracia com o fornecimento contínuo de notícias confiáveis. No entanto, segundo Matthew D'Ancona, a combinação de diversos fatores colocou em perigo a confiança do público no jornalismo. O autor pontua que “exatamente quando a confiança na mídia é mais requerida, ela, de acordo com pesquisas de opinião mundiais, caiu ao menor número de todos os tempos” (p. 45).

É necessário ponderar, no entanto, que para cada tendência, existe uma contratendência que lhe é complementar. Conforme pontua Penn (2008, p. 453), “para cada impulso de modernização, existe uma corrente de apego aos velhos valores. Para cada incursão na *internet*, existem aqueles que preferem tricotar e procuram paz e sossego. Para cada corrida à informação instantânea, existem os que querem

informação extensa, detalhada e meticulosa”. Posto isso, é importante considerar que em 2017 a pesquisa global “*Trust in News*” (Confiança na Notícia), realizada pelo Grupo Kantar no Brasil, EUA, Reino Unido e França, revelou que informações falsas reforçam a confiança nas principais marcas de notícias e impulsionam suas reputações, enquanto transformam as plataformas de mídia social em ambientes pouco confiáveis.

Ainda no segundo capítulo, D’Ancona afirma que o contexto de fragilidade institucional contribuiu para o fortalecimento da “indústria multibilionária da desinformação”, que trabalha com a difusão sistemática de mentiras por “organizações de fachada a favor de grupos de interesse que desejam suprimir a informação precisa ou impedir que outros grupos ajam contra eles” (p. 46). O autor explica ainda que as campanhas de desinformação têm como propósito semear dúvida, em vez de triunfar de imediato no “tribunal da opinião pública” e que “a ascensão dessa indústria traiçoeira coincidiu com a metamorfose maciça da paisagem midiática e com a revolução digital” (p.50). Segundo ele, a *Web 2.0* não foi apenas um fenômeno tecnológico, dentre outras características, ela substituiu hierarquias pela recomendação par a par, deferências por colaborações, informação de propriedade particular pelo código aberto.

Nesse ponto da leitura é salutar considerar o que afirma Andrew Keen (2009). Para ele, é basilar apresentar argumentos que se opõem “ao admirável mundo novo 2.0”, principalmente no quesito democratização da informação. Para Keen, apesar de sua elevada idealização, a *Web 2.0* está solapando a verdade, azedando o discurso cívico e depreciando a expertise, a experiência e o talento. O discurso apocalíptico adotado por ele, em devida medida, precisa ser frequentemente considerado para reflexão.

No terceiro capítulo D’Ancona afirma que na era da pós-verdade há motivo para a defesa do literalismo, no entanto, acredita que o anseio humano é voltado às narrativas. Nesse sentido, segundo o autor, “um dos motivos pelos quais tantas histórias são mutiladas pela mídia é que os jornalistas se tornaram incapazes de lidar com o não literal” (p. 64). Nessa perspectiva, Matthew D’Ancona entende que as teorias da conspiração, potencializadas através da *web*, encontram lugar na sociedade porque são narrativas tranquilizadoras que priorizam a emoção em detrimento da evidência. O autor classifica o antissemitismo como a teoria da conspiração mais catastrófica no custo de vidas humanas e considera que o antissemitismo moderno é o modelo para o

que se tornou a pós-verdade” (p.74). Além disso, percebe como não menos alarmante o revigoramento *on-line* da negação do holocausto.

O autor descreve a crença religiosa como a mais profunda predisposição para a teoria da conspiração e afirma que em conflito com a ciência, frequentemente, a fé prevalece. Para respaldar sua percepção, contrapõe o Criacionismo ao Evolucionismo, mas demonstra fragilidade quanto à categorização desse último. Diferente do que sugere, o Evolucionismo não é ciência e, até então, permanece como uma proposta histórica sobre o passado da humanidade. Constantemente o Evolucionismo é tratado como aquilo que pode ser provado cientificamente, diferente do Criacionismo, cujo rótulo se limita à fé - via de regra, é necessário ter mais fé para acreditar que a humanidade surgiu do acaso do que ter a humildade de admitir a existência de Deus como Criador. D'Ancona afirma ainda que “conforme as descobertas da pesquisa evolucionária aumentam e ficam cada vez mais estimulantes, o criacionismo simplesmente se entrincheira” (p. 65). Tal colocação, porém, evidencia sua tentativa de ignorar o avanço constante em pesquisas sobre Criacionismo Científico em instituições como a *Creation Research Society (CRS)*³.

No capítulo seguinte (O colapso da pedra filosofal: pós-modernismo, ironia e a era da pós-verdade) Matthew D'Ancona se refere primordialmente ao poder das ideias e enfatiza que mitos perniciosos afligem essa época e se tornaram fundamentais para o êxito político. Para fundamentar sua linha de raciocínio, o autor faz referência a Isaiah Berlin⁴ e concorda que as ideias não podem ser negligenciadas por aqueles que devem delas cuidar, pois conceitos filosóficos cultivados na quietude podem destruir a civilização. D'Ancona ainda escreve que “se Marx não tivesse trabalhado em O Capital no salão de leitura do Museu Britânico, após seu exílio em Londres, em 1849, a história do último século poderia ter sido diferente” (p.84).

Quanto ao pós-modernismo, Matthew D'Ancona destaca o impacto difuso e contraditório que o mesmo tem tido no mundo externo à academia. Admite que não se trata de “um corpo homogêneo”, deixando evidente sua resistência em postular definição. O autor afirma ainda que “seus principais protagonistas (Michel Foucault,

³ <https://creationresearch.org/general-information/>

⁴ BERLIN, Isaiah. Two concepts of liberty. In: **Liberty Reader**. Routledge, 2017. p. 33-57.

Jean-François Lyotard, Jacques Derrida, Jean Baudrillard e Richard Rorty, para nomear apenas cinco) mantêm um certo domínio sobre a imaginação intelectual contemporânea” (p. 85) e, contundentemente, prossegue criticando: “menos certo é o que, exatamente, eles querem dizer e o que eles legaram ao mundo atual” (p. 85). Nesse sentido, D’Ancona declara, coerentemente, que os principais autores associados à essa escola pouco coesa “ao questionar a própria noção de realidade objetiva, desgastaram muito a noção de verdade. Seu terreno natural era a ironia, a superfície, o distanciamento e a fragmentação” (p. 85).

Ainda em oposição aos filósofos pós-modernos, Matthew D’Ancona enfatiza a predileção dos mesmos ao entendimento da linguagem e da cultura como “constructos sociais” - fenômenos políticos em que a distribuição de poder se concretiza através de classe, raça, gênero e sexualidade, em detrimento de ideais abstratos de filosofia clássica. “E se tudo é um constructo social, então, quem vai dizer o que é falso? O que impedirá o fornecedor da “notícia falsa” de afirmar ser um obstinado digital combatendo a “hegemonia” perversa da grande mídia?” (p. 85), questiona o autor. Para responder às indagações ele leva em consideração os primeiros adversários do pós-modernismo, que já destacavam que tal construção filosófica trata-se de uma nova roupagem dada à antiga discussão entre “verdade e relativistas”.

De acordo com D’Ancona, o pós-modernismo, reduzido aos seus fundamentos ideológicos, “era uma campanha teórica que apelava à esquerda desiludida, ansiando decifrar um século em que as antigas certezas da vanguarda marxista tinham se esfarelado diante dela” (p. 88). O autor pontua que os principais protagonistas do pós-modernismo se esforçaram para encontrar uma nova política de emancipação social e fizeram uso, sobretudo, das universidades, da mídia e da cultura para conquistar tal feito. Brilhantemente, o autor prossegue: “solto no éter dos *campi*, da mídia e da vida cultural, o pós-modernismo se tornou mais um estado de ânimo do que uma filosofia coerente. Deu prestígio intelectual ao cinismo elegante e uma face diferente ao relativismo” (p. 89).

No último capítulo do livro Matthew D’Ancona afirma que a “era da pós-verdade é uma amostra do que acontece quando uma sociedade afrouxa em sua defesa dos valores que sustentam sua coesão, ordem e progresso” (p. 100). Assertivamente,

ênfatisa que valores como verdade, honestidade e responsabilização não são autossustentáveis, mantê-los é fruto de decisão, ação e colaboração do ser humano. Para o autor, aqueles que estão inconformados com esse contexto precisam se reerguer e “contra-atacar”, pois a passividade é a pior resposta. “O melhor é identificar e adotar aquelas medidas práticas que vão defender a verdade de seus antagonistas, realçar seu valor e assegurar sua centralidade em um contexto social e tecnológico radicalmente transformado” (p. 100), explica.

D'Ancona também se dedica à explicitação de estratégias para derrotar a pós-verdade que, segundo ele, é uma tendência profundamente alarmante, mas não é um ponto final. De forma coerente declara ainda que em meio à sobrecarga de informações é necessário checar, filtrar e avaliar os conteúdos a serem consumidos. O autor defende que o desenvolvimento dessa prática precisa também estar na escola, já que as gerações que lá estão e as vindouras têm a *internet* como “única fonte significativa”. Segundo Matthew D'Ancona, “deveria ser uma tarefa básica de educação de primeira categoria - e não de segunda - ensinar as crianças a selecionarem a torrente digital e discriminá-la. Ensinar a navegar na *web* com discernimento é a missão cultural mais urgente de nossa época” (p. 101).

De acordo com o autor, no mundo da pós verdade não é suficiente defender uma tese, mas comunicar de forma a atender os imperativos emocionais e racionais. Prudentemente, D'Ancona afirma que ridicularizar pode desmascarar mentiras, mas não agrega impacto emocional. A verdade, segundo ele, nunca deve ser comprometida pela teatralidade, mas enfatiza que “é ingênuo pensar que a batalha contra a pós-verdade será ganha recorrendo unicamente a técnicas de verificação rotineira” (p.113). Nesse sentido, o autor admite que os que contam a verdade precisam falar para corações e mentes, pois “a verdade será abafada a menos que seja ressonante” (p. 115). Matthew D'Ancona defende ainda que a superação da narrativa populista precisa ser feita através da empatia e da sinceridade.

Na reta final da obra o autor insiste que as demandas para que a verdade seja dita não podem ser camufladas pela complacência e lembra que “a verdade é descoberta e não divulgada, que é um ideal a ser perseguido, e não um direito a ser esperado indolentemente” (p. 128). D'Ancona acredita que no contexto atual forças

traíçoas estão em alto grau de complexidade, mas defende que o enfrentamento à elas é necessário. Para ele, “a coragem, a persistência e o espírito colaborativo serão recompensados: a verdade se revelará” (p. 129).

Apesar das críticas já apresentadas, o livro *Pós-verdade: a Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News*, apresenta significativa contribuição para o debate sobre pós-verdade. O contexto apresentado pelo autor não advém de novas práticas e, muito menos, teriam sido fundadas através do protocolo global compartilhado pela *internet*. Foi, de fato, uma construção gradativa cujo resultado está na amplificação contemporânea da ação de proferir inverdades que, possivelmente, na posteridade poderão ser identificadas como rumores. Ao apresentar o levantamento de diversos dados, aglutinados às reflexões teóricas e conceituais, o livro de Matthew D'Ancona qualifica o debate sobre a questão da pós-verdade e pode ser admitido como referência para os que pesquisam essa temática.

REFERÊNCIAS

MEDIUM. **Online Chaos Demands Radical Action by Journalism to Earn Trust**. 2014. Disponível em: <<https://medium.com/@GingrasLehrman/online-chaos-demands-radical-action-by-journalism-to-earn-trust-ea94b06cbccb>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

KANTAR, Group. **'Fake news' reinforces trust in mainstream news brands: hits reputation of social media sources**. 2017. Disponível em: <<http://www.kantar.com/company-news/Fake-news-reinforces-trust-in-mainstream-news-brands>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

KEEN, Andrew. **O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Zahar, 2009.

PENN, Mark.J. **Microtendências: as pequenas forças por trás das grandes mudanças de amanhã**. Best Seller, Rio de Janeiro, 2008.

SOBRE AS AUTORAS:

THAIS FIRMINO: Jornalista; Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Técnica em Jogos Digitais pelo Centro Universitário Estácio de Sá (FIC). E-mail: firminothais@gmail.com.

THAIANE FIRMINO: Jornalista; Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Técnica em Meio Ambiente pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). E-mail: thaianefirmino@gmail.com.